

LUCIANE PAIVA ALVES DE OLIVEIRA

**UMA ABORDAGEM SOBRE A CORPORALIDADE
NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

ORIENTADOR: MARCUS AURELIO TABORDA DE OLIVEIRA

AGRADECIMENTOS

À grande amiga Kelly Cristina Pinto Martins, com quem sempre pude discutir sobre “o grande desafio que é ser uma educadora”.

À todos aqueles que de forma direta e indireta, contribuíram para que eu conseguisse concretizar o sonho de fazer o curso de “Educação Física”.

Dedico este trabalho:

À alguém que com seu modo de vida, me fez reacreditar que o homem é capaz de ser diferente e de concretizar isso no seu dia a dia, nas relações com as pessoas e com o mundo.

À alguém que me inspira nesta mudança a cada dia, a cada gesto, a cada palavra.

E que, me faz acreditar na superação humana pois, representa em si esta superação.

Ao meu grande professor, orientador e companheiro,

MARCUS

SUMÁRIO

RESUMO	6
1 INTRODUÇÃO.....	6
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA	7
1.2 JUSTIFICATIVA	7
1.3 OBJETIVOS	8
2 REVISÃO DE LITERATURA	10
2.1 A CORPORALIDADE NO CONTEXTO DA SOCIEDADE CAPITALISTA CONTEMPORÂNEA.....	10
2.2 A CORPORALIDADE NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO FÍSICA	20
3 METODOLOGIA	27
4 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

RESUMO

Este estudo surge da necessidade de aprofundamento no que se refere às questões que envolvem a corporalidade¹ no contexto da Educação Física escolar².

Representa uma busca de subsídios para um melhor entendimento sobre o que significa a corporalidade em nosso contexto social. Situando seus principais aspectos, influências e implicações.

Para posteriormente apontar a Educação Física como responsável direta pela abordagem dos aspectos relacionados à corporalidade no âmbito educacional.

Sendo assim, objetiva situar o papel que a Educação Física assume frente às questões relacionadas ao corpo e suas manifestações, a partir das relações sociais.

¹ Corporalidade entendida enquanto as diferentes dimensões de manifestação corporal do indivíduo, inseridas dentro de um contexto e ligadas à uma série de valores, normas e conceitos socialmente construídos.

² Dentro deste trabalho a Educação Física será entendida enquanto componente curricular que se insere no currículo escolar. Não considerando portanto, outras formas de entendimento ou de atuação desta na sociedade.

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

A Educação Física que no âmbito escolar tem como objetivo a tematização de aspectos referentes a cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 50), não vem conseguindo atuar de forma significativa no que diz respeito ao trato com a corporalidade do educando, isto é, não vem promovendo a compreensão do que representa o “corpo” nas relações sociais, nem realizando o aprofundamento da dimensão que esse aspecto toma quando entendemos que, é através do corpo que o indivíduo concretiza suas intervenções no meio social onde se insere.

Dessa maneira a Educação Física acaba abstraindo-se do princípio básico do homem enquanto totalidade³, não conseguindo considerar essa questão de forma significativa, dentro uma proposta que se concretize em sua prática educacional.

Sendo assim, como a Educação Física escolar, poderá contribuir para uma melhor compreensão e uma possível intervenção na abordagem da corporalidade, suas manifestações e implicações; a partir da produção do contexto sócio-cultural brasileiro?

1.2 JUSTIFICATIVA

³ Totalidade - representa o “ homem enquanto ser total”, isto é, possuidor de múltiplas dimensões (biológicas, sociais, psicológicas, culturais, etc) que se interagem e que se apresentam indissociáveis quando buscamos entender as manifestações humanas. Para um maior aprofundamento ver: KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. São Paulo : Paz e Terra, 1995.

A Educação Física precisa passar à atuar dentro de uma preparação efetiva do indivíduo para o exercício de sua cidadania, isto é, agir com o intuito de torná-lo capaz de se reconhecer e de atuar dentro do contexto das relações sociais, com possibilidades de transformação dessa realidade.

Nesse processo o corpo surge como forma de manifestação concreta do indivíduo no mundo. Através dele se realizam as relações do homem com a sociedade e é a partir dessas relações que o indivíduo constrói sua consciência e sua história.

Essa discussão surge como forma de intervenção no processo que compõe a prática pedagógica da Educação Física, pois representa uma possibilidade de ação a partir da abordagem de questões que estejam relacionadas a corporalidade, que sejam relevantes em nossa sociedade e conseqüentemente no âmbito educacional.

Constitui assim, uma tentativa de contextualizar e repensar os aspectos ligados à corporalidade, podendo contribuir para uma possível superação quanto ao entendimento sobre o que representam as manifestações corporais à partir das relações humanas e especificamente no âmbito da Educação Física escolar.

1.3 OBJETIVOS

- Realizar um levantamento das produções acadêmicas que abordam a questão da corporalidade;
- Situar a corporalidade no contexto sócio-cultural, da sociedade contemporânea;
- Contextualizar a abordagem da corporalidade na Educação Física escolar.

- Realizar uma discussão sobre novas formas de intervenções que envolvam a corporalidade, a partir das práticas corporais.⁴

⁴ Práticas corporais se refere às diferentes formas de manifestações corporais que através da história se tornaram significativas enquanto práticas, e que no âmbito da Educação Física se tornam relevantes, tendo em vista a promoção do entendimento da corporalidade.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A CORPORALIDADE NO CONTEXTO DA SOCIEDADE CAPITALISTA CONTEMPORÂNEA

Para entendermos as questões relacionadas ao corpo e suas implicações em nosso contexto, será necessário pontuarmos aspectos fundamentais que interferem em nossa abordagem, clareando pontos que atuam de forma determinante nas manifestações da corporalidade. Para isso, levantaremos categorias que se tornam relevantes nessa discussão, tendo em vista nosso atual modelo social, orientado sob a forma capitalista-liberal-burguesa. Pois, “o corpo compreendido isoladamente da sociedade e da natureza, é um corpo abstrato, distante da realidade concreta em que ele se faz, distante, enfim, de suas circunstâncias”. (MEDINA, 1991, p. 86).

Para tal, a discussão a respeito da corporalidade irá basear-se no princípio de totalidade no qual o homem é concebido, pensado e refletido a partir de suas múltiplas dimensões (social, política, econômica, biológica, psicológica, cultural, etc.) e que no conjunto são responsáveis por aquilo que Marcuse chama de essência humana.

O homem - por mais que seja um indivíduo particular, e justamente é sua particularidade que faz dele um indivíduo e um ser social individual efetivo - é, na mesma medida, a totalidade, a totalidade ideal, o modo de existência subjetivo da sociedade pensada e sentida para si, do mesmo modo que também na efetividade ele existe tanto como intuição e gozo efetivo do modo de existência social, quanto como uma totalidade de exteriorização de vida humana (Marx apud Carlini, 1995, p. 53).

Sendo assim, pensar o homem de forma fragmentada, analisando suas manifestações como questões estanques de um contexto e das várias influências que este sofre, acabará nos apresentando uma visão restrita, que nos obrigará à separar aquilo que no indivíduo é indissociável - suas múltiplas dimensões, e que somente de forma conjunta poderão nos fornecer subsídios para a abordagem sobre as práticas corporais, pois "a relação entre o homem, a natureza e o ambiente social não se dá de forma unilateral, mas em condições de reciprocidade, uma vez que o homem, enquanto altera a natureza e a sociedade, age em função das necessidades que identifica ou lhe são propostas e, ao mesmo tempo, se modifica em função delas" (CARLINI, 1995, p. 51).

Entendendo então, o homem "como ser humano total que, a partir da corporalidade, é e está no mundo" (id. *ibid.*, p. 41), percebemos que a corporalidade enquanto dimensão humana traz consigo marcas e expressões do contexto social.

Pois, está inserido num processo de construção histórica (historicidade - que possui características provisórias e móveis), que está marcado pela dialética e calcado no conflito social (luta de classes - onde interesses antagônicos estruturam a base que forma nosso contexto social, isto é, a contradição das forças que agem sobre a realidade social).

Para o entendimento das manifestações e implicações da corporalidade, faz-se necessário situarmos o contexto no qual este indivíduo está inserido, isto é, qual o tipo de ideologia e de sistema político/econômico estruturam as relações

sociais e de que forma este conjunto de fatores influenciam as manifestações corporais, a partir de nossa cultura.

O homem vive em um determinado contexto social com o qual interage de forma dinâmica, pois, ao mesmo tempo em que atua na realidade, modificando-a, esta atua sobre ele, influenciando e, até podemos dizer direcionando suas formas de pensar, sentir e agir. Assim, as concepções que o homem desenvolve a respeito de sua corporalidade e as suas formas de comportar-se corporalmente estão ligadas a condicionamentos sociais e culturais (id. *ibid.*, p. 13).

Nos remetendo ao contexto mundial percebemos que fatores marcantes vêm colaborando para a consolidação global da *lógica liberal capitalista burguesa*, onde verificamos sua forma mais organizada e acentuada nos países ocidentais, que por sua vez funcionam como disseminadores deste modelo ao mundo.

Sob essa diretriz, países centrais (também chamados de países capitalistas desenvolvidos) determinam a forma como os países periféricos (também chamados países em desenvolvimento, dos quais o Brasil faz parte) irão guiar e orientar suas diferentes instâncias: política, econômica, ideológica, cultural, etc.

Constatamos em termos globais a afirmação do capitalismo enquanto sistema econômico, que tem sua base calcada na acumulação de bens e na propriedade privada; e a consolidação do liberalismo através de sua plenificação enquanto ideologia⁶.

Esta forma social que se estrutura em temas como o naturalismo, o racionalismo e o individualismo, fomenta nossa sociedade. E, se apresenta

⁶ Utilizo aqui uma forma simplificada na definição do liberalismo, que condiz de melhor forma ao modelo que hoje se apresenta em nossa sociedade, entretanto, o liberalismo através da história passou por várias fases, e em cada uma delas teve diferentes significados e funções. Vale ressaltar ainda que, de maneira geral o liberalismo possui várias definições, sendo sintetizado por Vachet como: "uma mentalidade, uma atitude racional, uma visão de mundo; e ainda como uma filosofia e uma sociologia" (VACHET apud WARDE, 1984, p.27).

plenificada através do liberalismo, que está apoiado no senso comum e no consenso. À respeito desses temas Vachet expõe:

“o naturalismo”, que elabora uma antropologia da felicidade que descansa na acumulação e no desfrute dos bens materiais e que situa o *interesse*⁷ como motor da atividade humana. Esse interesse justifica e garante as leis e os direitos naturais; “o racionalismo” que se baseia em uma confiança ilimitada na razão e nas luzes para fixar as regras da eficácia e do utilitarismo; “o individualismo”, isto é, a afirmação do indivíduo e da sua superioridade sobre todo o mecanismo coletivo, o qual justifica a preferência dada à liberdade individual sobre as estruturas coletivas (VACHET, apud WARDE, 1984, p. 56).

O direito à propriedade privada é outra característica fundamental para o entendimento do liberalismo. Este fator oferece à elite dominante (detentora dos meios de produção) elementos que a auxiliam na garantia de sua hegemonia, pois é dela o controle da produção e conseqüentemente do lucro, em detrimento da classe trabalhadora que possui exclusivamente sua força de trabalho como garantia de sua subsistência.

E é justamente dessa forma que o trabalhador passa a utilizar seu corpo como meio de sobrevivência, através da venda de sua força de trabalho⁸, “a força muscular do trabalhador, sua energia e sua resistência passam a ser objetos da exploração capitalista; seu corpo passa a ser um corpo oprimido, manipulável, um instrumento para a expansão do capital” (GONÇALVES, op. cit., p. 22).

O corpo no modo de produção capitalista tem assim uma função primordial, pois representa uma ferramenta a serviço da produção, que tem relação direta com a produtividade e com o trabalho, tendo a forma de “corpo-produtor, corpo-instrumento, de que os burgueses são os sujeitos; corpo a ser treinado,

⁷ O grifo é meu.

⁸ MARX apud MELANI (1994) aponta força de trabalho como sendo “o conjunto das faculdades físicas e mentais, existentes no corpo e na personalidade viva de um ser humano, as quais ele põe em ação toda vez que produz valores de uso de qualquer espécie” (p. 26).

disciplinado, alimentado, fortificado, conhecido. Corpo que deve render, frutificar. É também o corpo a que os dominados deverão ser subjugados: corpo-ferramenta, corpo alienado, corpo que se troca por um salário” (STROZENBERG apud PEDROSO, 1994, p. 29).

O trabalho que deveria ter uma função criativa, sendo fonte de prazer e satisfação para aquele que produz (já que significa a própria intervenção e transformação da natureza pelo homem), acaba se destituindo, tornando-se um processo alienado, que reprime as possibilidades do homem.

Na sociedade capitalista, o processo de trabalho, alienando-se de suas raízes humanas, alienou também o homem em sua corporalidade. Sua atividade produtiva, criativa, em que ele expressa seu ser total, é transformada em tempo de trabalho e absorvida pelo capital. Os seus próprios poderes físicos tornaram-se independentes e aparecem-lhe como estranhos, desvinculados de seu ser total. O corpo vivo, participante do ato criador de transformar a natureza, tornou-se um corpo mecanizado, que tem tarefas a cumprir de forma automatizada.

Desta forma o homem acaba transformando seu cotidiano na própria luta pela sobrevivência, tornando sua existência uma espécie de “prisão” que violenta brutalmente sua essência humana⁹. Esquecendo de pressupostos tais como: liberdade, prazer, felicidade, igualdade; que deveriam fomentar a vida e que entretanto, são distorcidos e até mesmo negados a partir deste modelo tido por racional.

As instituições, os comportamentos, tantos sentimentos habituais e até as crises e as guerras, porque existem, porque são tais, chegam a nos parecer evidentes, imutáveis, comandados por uma espécie de destino e é o que faz com que frequentemente nem mesmo encaremos, nem mesmo tentemos mudá-los: não

⁹ À respeito disso, MARCUSE apud LÖWY (1994) discute que: a situação factual do capitalismo não é uma questão de crise econômica ou política, mas de uma catástrofe da essência humana - esta percepção condena desde o início ao fracasso toda reforma propriamente econômica e política, e exige imediatamente a abolição catastrófica desta situação de fato pela revolução total. Somente sobre este terreno seguro, cuja solidez não pode ser ameaçada por nenhum argumento econômico ou político, pode se desenvolver a questão das condições históricas e dos protagonistas da revolução, a teoria da luta de classes e da ditadura do proletariado” (p.150-151).

que isso nos satisfaça, mas antes isso nos parece inevitável; o costume acaba por embotar o que deveria parecer o mais insuportável - mas subsistem a angústia e o ódio contra o que parece impor-se a nós (SNYDERS, 1988, P. 73).

Nesta distorção entre as classes sociais, cabe ao Estado¹⁰ “a tarefa de harmonizar os interesses dos patrões e operários, não dissolvendo as posições de classe, mas educando¹¹ os operários e oferecendo a eles trabalho” (WARDE, op. cit., p. 79).

Mellani (1994) aponta que “o Estado se apresenta à princípio como uma instituição neutra, acima das classes sociais, porém toda a sua constituição, suas leis, seus poderes, suas armas estão voltados fundamentalmente para a defesa e preservação das classes dominantes” (p. 20). Sendo assim, o Estado atua de acordo com os interesses da classe que detém os meios de produção, forjando uma democracia irreal, que converge para a garantia dos interesses desta classe.

No que se refere à epistemologia, o modelo que estrutura essa organização social é o positivismo¹², que possui uma visão ahistórica, contra-revolucionária e conservadora, sendo utilizado pelos interesses burgueses na manutenção da ordem e na estabilidade social.

Durkheim no prefácio de “Regras do Método Sociológico” comenta que “nosso método não tem nada de revolucionário. Ele é até, em um sentido, essencialmente conservador, já que considera os fatos sociais como coisas cuja

¹⁰ Ver: CARNOY, Martin. **Estado e teoria política**. Campinas : Papyrus, 1994.

¹¹ Aqui surge a função da educação para a classe operária no capitalismo, que possui a tarefa de contribuir para a manutenção da ordem, através do consenso e da alienação. E que se difere daquela destinada aos detentores dos meios de produção. Para um maior aprofundamento ver: WARDE, Mirian Jorge. **Liberalismo e educação**. São Paulo, 1984. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; SNYDERS, Georges. **Escola, classe e luta de classe**. São Paulo : Moraes, 1977.

¹² À respeito da função do positivismo no liberalismo, WARDE (op. cit..) situa “o positivismo comteano é ao mesmo tempo sua teoria social e seu método” (p.79).

natureza, por mais flexível e mais maleável que seja, não é porém modificável pela vontade” (DURKHEIM apud LOWY, 1994, p. 29).

Este método que se apresenta com características baseadas na observação, experimentação e comparação; segue critérios lógicos, onde as relações sociais são tidas como acientíficas, por saírem do alcance da experimentação e por consequência da comprovação.

Sobre isso WARDE (op. cit.) menciona que “estas são as regras básicas do método da ciência positiva, ciência que universalizou para o estudo do homem as leis da natureza, especialmente, as biológicas. Assim os fatos políticos não são nem admirados nem condenados, porque são simples objeto da observação” (p. 79).

Para o positivismo a sociedade liberal é constituída por cientistas (intelectuais), proprietários e não proprietários, cabendo à elite intelectual a tarefa de conduzir os despossuídos. E assim, os princípios científicos acabam servindo como elemento de coesão social, sendo capazes de dar sustentação à essa forma de organização social, que surge enquanto assimilação fundamental da ideologia liberal. WARDE aponta que “em termos epistemológicos e em termos de concepção de Estado e suas relações com a sociedade civil, o positivismo fertiliza o liberalismo...” (op. cit., p. 67).

Recentemente, verificamos uma redefinição deste modelo epistemológico, que vem sendo definido como “neopositivismo”. Para WARDE (op. cit.) essa reformulação nada mais é, do que “o intento de desmantelamento da lógica dialética” (p.89).

Tendo como precursor Karl Popper¹³, propõe um Estado tecnocrático que aponta para a necessidade de um governo que utilize o método científico (positivista) na política e que seja baseado na chamada “razão instrumental”¹⁴.

Outro fator determinante na concretização das relações que compõem o contexto societário, é a cultura¹⁵.

Apesar de não ser orientada de forma unívoca, a cultura se apresenta ligada às relações de poder determinadas pela luta de classes, que acarretam pela própria dimensão das forças, um descompasso em sua abrangência. O que proporciona em grande escala a assimilação e a incorporação do pensamento liberal pelo conjunto da sociedade, refletindo-se na formação de valores, costumes e padrões tidos como “normais”, “naturais” e “universais” em nossa cultura.

À respeito disso SILVA, na XII Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, realizada em outubro de 1997 comentava que “...a maioria das normas e valores sociais hegemônicos surgem como naturais, sem provocar quaisquer questionamentos; sendo quase invisíveis...”.

¹³ À respeito de Karl Popper ver: LÖWY, Michel. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. 5. ed. São Paulo : Cortez, 1994.

¹⁴ Gonçalves (op. cit.) menciona que “a razão que em seu cerne traz a esperança de libertar o homem, melhorando suas condições de vida e livrando-o da submissão às determinações ambientais, transformou-se, no decorrer de sua trajetória histórica, em razão instrumental, que, na sua unidimensionalidade, perdeu a visão de totalidade do homem e da vida social, gerando a ciência e a técnica alienadas, que estão na raiz das contradições do mundo moderno” (p. 26).

¹⁵ À respeito da definição sobre cultura, WILLIAMS (1992) coloca como sendo “um sistema de significações, mediante o qual necessariamente uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada” (p. 13) .

Todavia, é justamente por estar inserida no conjunto das relações sociais, que a cultura se apresenta de forma dialética, não possuindo somente um significado, sendo orientada por somente uma diretriz.

É por estar enraizada nas relações do contexto histórico, que ela acaba manifestando a contradição de todo esse processo, pois “... a cultura nunca é dominante; ela comporta ao mesmo tempo a dominação da ideologia burguesa e indissolúvelmente a penetração da ideologia democrática” (SNYDERS, op. cit., p. 80).

Sendo assim, a cultura se insere no contexto social, enquanto assimilação e/ou distorção deste modelo. É nela que se reflete a abrangência desta forma ideológica, pois, representa o “filtro” que seleciona ou apenas absorve as estruturas que compõe este sistema social.

Verificamos então, a manifestação de diferentes significados, que representam uma espécie de comunicação antagônica entre as classes que se apresentam envolvidas.

E é esta contradição que a cultura carrega consigo, que representa o contraponto, à forma com que se concretizam essas relações no âmbito social. É este embate que poderá representar uma tentativa de reformulação destes condicionantes culturais. “Essas relações sociais são ativas, móveis..., portanto, o homem muda no âmago quando mudam as formas sociais, quando ele participa do esforço que visa mudar as formas sociais” (id., ibid., p. 73).

Todavia, expor a cultura como forma de reversão desta lógica, implica ainda em entender que, ela por si só não poderá ser apontada como fator determinante

para que a mudança ocorra, entretanto, ela poderá desencadear um novo olhar sobre o real. Que, conseqüentemente, poderá trazer consigo fatores significativos para uma possível modificação.

Imergir da mediocridade, mesmo dourada; tornar insuportável a mediocridade; arrancar-se do que Sartre chama de “banho morno”; impedir-se a si próprio e aos outros de dormir tranqüilos na insipidez e no “meio-termo” ...; romper com a satisfação conformista, com a aceitação conformista. A cultura que me obriga a olhar a realidade de frente - ou pelo menos torna mais difícil o refúgio nos atalhos. Uma cultura que me ajuda a assumir minha responsabilidade; a abstenção nunca é possível, nunca é real; não se pode “tirar o corpo fora”; fazer silêncio é ainda tomar partido... (id., ibid., p. 68).

É neste conjunto de relações (que estão situadas e inseridas em nosso contexto) que o homem busca a partir de sua interferência sobre a natureza, condições e meios que garantam sua sobrevivência.

Todavia, esta atuação vai muito além da criação de condições de vida, pois o ser humano possui uma relação direta com o contexto no qual esta inserido; onde interfere, atua, modifica e transforma. E é justamente isso que o faz se diferenciar dos demais seres vivos, pois, age de forma consciente no âmbito de suas relações sociais, sejam elas coletivas e/ou individuais; o que determina a construção de sua história.

E uma das formas de concretização dessas relações, é justamente o corpo. Através da ação humana ocorre a exteriorização de sentimentos, intenções, comportamentos, etc; que na sua grande maioria são expressos corporalmente e que são dotados de intencionalidade.

Um ser humano vivo é um ser de relações com a natureza na qual se inscreve e participa, e com o ambiente social a que pertence onde foi gerado e vive. Assim o corpo tem, de início, uma conotação que responde pela possibilidade de existência material do indivíduo. Só há indivíduo se há, ou houve, corpo, sua porção material, concreta, que o distingue e o individualiza (CARLINI, 1995, p. 50).

A construção da corporalidade humana, ocorre a partir do contexto sócio-cultural e assume características fundamentais desta sociedade.

Através da cultura o corpo passa à incorporar valores e significados construídos socialmente. Os quais são expressos quotidianamente pelos indivíduos através de suas manifestações corporais. E assim “a leitura que o homem faz do seu corpo, bem como, a maneira de comportar-se corporalmente, trazem a marca do grupo social em que vive. Nesse sentido, pode-se dizer que o corpo revela não somente a individualidade do homem, mas também as características de seu grupo social” (PEDROSO, op. cit., p. 30).

Percebemos assim, a estreita ligação da corporalidade com a questões sociais. Pois, o modo como é vista, pensada, e ainda, as condições para que exista no mundo, traz consigo as marcas do antagonismo entre as classes sociais. Isto é, o homem assume em seu corpo e em suas manifestações, as determinações oriundas do contexto onde se insere, com necessidades e significados que se diferem.

2.2 A CORPORALIDADE NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A intervenção pedagógica da educação não surge como campo neutro nas relações do contexto social. Pois, enquanto prática social ela converge para aquilo que a própria sociedade orienta.

As características da sociedade de classes (aqui já discutidas) são percebidas no âmbito educacional, na medida em que este atua como uma das formas de legitimação do modelo societário no qual está inserido.

Para MELLO (1988) essas características surgem de forma simbólica no contexto escolar¹⁶, isto é, elas acabam sendo dissimuladas e assim asseguram as posições desiguais e contraditórias, a partir das relações de poder.

Á respeito desta discussão, a autora aponta que “A escola se situa no âmbito da violência simbólica, isto é, utilizando os sistemas de representação e não a força física, assume seu papel mantenedor das relações de força. Mas para exercer com eficiência o seu papel ela precisa aparecer como autônoma dessas relações de força” (p. 17).

Essas relações de poder são percebidas através da propagação do conhecimento, o qual é determinado pela classe dominante, e que vem de encontro com os interesses desta. Todavia ele acaba sendo assimilado por ambas as classes.

As desigualdades existentes no contexto escolar acabam surgindo como “naturais”, dependendo exclusivamente das qualidades, aptidões e habilidades individuais de cada aluno. O que mascara as distinções de poder, oriundas das relações entre as classes, que se refletem na escola. E “assim conseguem as classes privilegiadas legitimar - e portanto perpetuar - os seus privilégios culturais e simultaneamente sociais” (SNYDERS, 1977, p. 178).

¹⁶ Vale ressaltar que o contexto escolar não representa o único veículo atuante na educação dos indivíduos, entretanto, é a instituição formalmente reconhecida para esta função em nossa sociedade.

Entretanto, a assimilação indistinta do saber por ambas as classes, representa a própria relação dialética deste modelo social e sua ligação com a educação. Pois, possibilita às classes trabalhadoras a apropriação do saber e da cultura elaborada (mesmo que de origem burguesa), podendo representar a esta a possibilidade de desvelamento e a compreensão de sua condição de classe, fornecendo “subsídios” para uma modificação desta forma de organização social.

Sendo assim, a escola não assume um papel de neutralidade no plano sócio-cultural, pois através de sua prática pedagógica, ela poderá se orientar de diferentes formas.¹⁶ Podendo reproduzir os interesses e anseios de uma classe privilegiada ou então, colaborar (através do conhecimento e da cultura) para o entendimento da lógica liberal capitalista burguesa pela classe trabalhadora.

KOLYNIK FILHO (1995) discute que:

nesse sentido, a ação pedagógica é vista como possibilidade de socialização do conhecimento construído historicamente, conhecimento este que, adequadamente utilizado, constitui-se em elemento importante na libertação dos sujeitos das amarras ideológicas que apresentam como natural aquilo que foi criado pelo homem, inviabilizando o pensar em novas alternativas para a vida social. Igualmente, o conhecimento é um elemento importante para a construção da cidadania, da autonomia e da criticidade, como pressupostos para a verdadeira opção política e para a participação consciente no processo histórico da civilização (p. 23).

É justamente a partir destes aspectos sociais e culturais que a Educação Física se insere enquanto componente curricular no contexto escolar.

¹⁶ Para um maior aprofundamento desta questão, verificar: MELLO, Guiomar Namó de. **Magistério de 1º Grau: da competência técnica ao compromisso político**. São Paulo : Cortez/Autores Associados, 1988; SNYDERS, Georges. **Escola, classe e luta de classe**. Lisboa : Moraes, 1977.

Em uma análise histórica,¹⁷ verificamos que a Educação Física assume a cada momento histórico as formas e características da sociedade, se moldando e atendendo aos interesses da classe burguesa, a partir de sua prática pedagógica no âmbito educacional.

Sendo dirigida pelas leis e amplamente influenciada pelas políticas públicas que a orientaram e ainda orientam (e que vêem nela uma forma de perpetuação deste modelo) ela se mostra como um instrumento do Estado na manutenção da ordem e do consenso. E assim,

a Educação Física enquanto prática social tem servido com instrumento do poder hegemônico, em diferentes períodos históricos, para levar a cabo os interesses da classe dominante. O uso das práticas corporais como instrumentos de adestramento militar de disciplinamento do corpo a serviço espírito, no contexto educacional, e a mercantilização da atividade física e de modelos estéticos para o corpo e para a motricidade, como produto da sociedade de consumo capitalista, são exemplos da utilização que detentores do poder político-econômico têm feito de conhecimentos sobre a atividade física sistemática e as propriedades orgânicas humanas (KOLYNIK FILHO, op. cit., p. 22)

A Educação Física em sua prática pedagógica se apresentou e ainda se apresenta fragmentando o homem, tratando deste como se fosse algo isolado das relações sociais.

Sua preocupação básica se restringe em promover a execução de movimentos, como se estes não fossem executados por homens marcados pela história e pelas influências sócio-culturais. Dessa forma acaba abstraindo-se do aprofundamento das questões ligadas à corporalidade, não oferecendo ao

¹⁷ Para um maior aprofundamento desta questão, verificar: CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta.** Campinas : Papyrus, 1988; SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física: Raízes européias e Brasil.** Campinas : Papyrus, 1994; VAGO, Tarcísio Mauro. Das escrituras à escola pública: a educação física nas séries iniciais do 1º grau. **Discorpo**, n. 7, p. 47-64, jul./dez. 1997.

educando a compreensão do que representam as manifestações corporais e suas conseqüências em nossa sociedade.

De modo geral, a Educação Física é bem aceita pelo aluno, na medida em que permite sua movimentação e seu envolvimento em atividades diferentes daquelas desenvolvidas em sala de aula. Mas parece ser percebida por educandos e educadores como um momento especial de consumo de energias físicas, de relaxamento ou de condicionamento, que se restringe ao corpo propriamente dito e não teria outros reflexos sobre o aluno. E assim, parece que nem a Educação Física, trabalhando diretamente com o corpo do aluno, vem conseguindo promover a compreensão da corporalidade do educando, em termos mais amplos (CARLINI, op. cit., p. 55-56).

Como legitimar-se então enquanto disciplina escolar, responsável no contexto educacional pelos aspectos referentes à cultura corporal? Como contribuir e atuar de forma significativa na formação de indivíduos críticos, conhecedores de sua realidade?

Este trabalho pretende apontar a abordagem sobre a corporalidade como uma possível intervenção da Educação Física no âmbito educacional.

Pois, no contexto escolar é esta a área que possui ligação direta com as manifestações e práticas corporais, representando assim uma possibilidade ímpar na contextualização destes aspectos.

Entretanto, "...isso implica, além da necessidade de um levantamento histórico filosófico sobre o corpo através dos tempos, em situar, na nossa análise, o corpo e as atividades físicas dentro do contexto social do qual fazem parte" (MELANI, 1994, p. 26).

Para tanto, é preciso redimensionarmos a prática pedagógica da Educação Física. De forma tal que esta consiga compreender a interrelação existente entre seu objeto de estudo e as questões que envolvem o contexto social.

É preciso portanto, que os profissionais de Educação Física tenham clareza de que toda e qualquer atuação junto a outras pessoas tem um dimensão política, na medida que está permeada de valores relativos às relações humanas, as quais ocorrem, necessariamente, dentro de um contexto condicionado pelos intercâmbios de produção e distribuição de bens (materiais e simbólicos) que possibilitam a satisfação das necessidades do homem (KOLYNIK FILHO, op. cit., p. 29).

À respeito disso OLIVEIRA (1997) aponta que:

A intencionalidade e a significação do movimento humano no plano da cultura o diferencia fundamentalmente do movimento dos demais seres. Essa qualidade que tem o corpo do homem de comunicar-se e relacionar-se se define em relação a um corpo material, determinado por um mundo material, numa perspectiva histórica. Não se pode negligenciar, portanto, as determinações ideológicas da formação da consciência a partir das orientações impressas por uma sociedade de conflito (p. 6).

A Educação Física através da problematização de seus conteúdos¹⁸, poderá abordar questões, referentes à gênero (papéis sexuais), raça e etnias, sexualidade, violência; questões que possuem ligação direta com a corporalidade. Justificando sua prática pedagógica no contexto escolar, através de uma atuação significativa para a formação do educando. Entretanto para isso, é necessário que:

O professor torne-se um profissional *pensador da cultura*. Deve compreender a singularidade dos sujeitos no contexto da época em que vivemos para, a partir de suas determinações históricas, projetar seu futuro. Isso representa integrar-se a uma visão de mundo baseada no encontro dialógico com o outro, dentro de uma dimensão ética. Todas as minorias (de sexo, cor, raça, condição social) e sua condição de sujeitos no mundo, são seus objetos de análise e compreensão da realidade, a partir dos seus códigos corporais próprios (id. ibid., p. 12).

Nesta perspectiva, a Educação Física acaba assumindo uma nova diretriz, onde sua preocupação principal acaba extrapolando a questão do “corpo em movimento”, pois, entende esta como uma das dimensões de manifestação do

¹⁸ À respeito desta discussão ver: COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo : Cortez, 1992.

corpo. E eleger a corporalidade como fim último de sua atuação, enquanto prática pedagógica.

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica baseada em obras de autores que discutem aspectos ligados à corporalidade (tanto no âmbito da Educação Física como fora dela). Bem como na análise qualitativa dos dados e das informações extraídas da própria prática pedagógica da autora, que atua como professora na rede de ensino público na cidade de Curitiba.

Durante o processo de investigação, a intenção de pesquisa foi se modificando (ora por conta da aproximação com os autores através das leituras, ora pelos resultados da prática pedagógica), o que demonstra como o “conhecimento” aliado à “prática” se apresentam como fatores dinâmicos e mutáveis, durante a construção da práxis.

A pesquisa se caracterizou como um processo contínuo, onde várias hipóteses acabaram sendo confirmadas ou refutadas. O que resultou em novas hipóteses e novos olhares sobre a prática pedagógica da Educação Física escolar.

Esse processo investigativo teve como premissa o não aprofundamento das questões em torno da “educação” em si, realizando a opção pela discussão no âmbito da Educação Física escolar especificamente. Isso por entender que nas produções ligadas à educação alguns aspectos já estão vencidos, fato que ainda não pode ser percebido na área da Educação Física.

Vale citar, que a partir da dimensão de alguns conceitos que seriam relevantes para a construção do trabalho, foi necessária a aproximação de leituras ligadas às áreas de filosofia e de sociologia.

Outro aspecto importante à ser levantado, foi a necessidade de se garantir durante toda a discussão um olhar político em torno dos aspectos e das questões expostas pois, entende-se que toda leitura da realidade encerra em si uma forma de ver e de interpretar o mundo e que irá necessariamente perpassar a dimensão política.

4 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Após a conclusão do trabalho, pode-se perceber como seu início se estruturou através de questões simples, o que se justifica pela fragilidade da formação acadêmica do curso de Licenciatura desta instituição. Essa formação é marcada pela unilateralidade do currículo, onde não se percebe um aprofundamento teórico necessário para o entendimento das diferentes manifestações corporais.

Outro aspecto à ser notado, é como a discussão em torno da corporalidade é presente em outras áreas, fato este, que não se reflete na área da Educação Física. Aponta-se portanto, a necessidade de um maior aprofundamento desta discussão, pela nossa área de estudos.

Vale ressaltar, que este trabalho não pretende ser definitivo; justamente por se entender a dimensão dos aspectos e das questões aqui discutidas como manifestações da dinâmica cultural.

À partir deste trabalho, verifica-se ainda, que um dos problemas da prática pedagógica da Educação Física, seja justamente o privilégio dado por esta pela dimensão motora, em detrimento do entendimento do homem enquanto totalidade.

Sendo assim, aponta-se a necessidade de entendermos a prática pedagógica da Educação Física à partir do plano sócio-cultural, onde sua atuação se condicione fundamentalmente à abordagem da corporalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil: a história que não se conta.** Campinas : Papyrus, 1988.

CARLINI, Alda Luiza. **A educação e a corporalidade do educando.** São Paulo, 1993. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

_____. A educação e a corporalidade do educando. **Discorpo.** São Paulo, n. 4, p. 41-60, abr. 1995.

CARNOY, Martin. **Estado e teoria política.** Campinas : Papyrus, 1994.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física.** São Paulo : Cortez, 1992.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em Ciências Sociais.** São Paulo : Atlas, 1981.

GONÇALVES, Maria Augusta Salim. **Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação.** Campinas : Papyrus, 1994.

LOWY, Michel. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento.** 5. ed. São Paulo : Cortez, 1994.

KOLYNIK FILHO, Carol. Movimento humano consciente: objeto de estudo para a Educação Física. **Discorpo.** São Paulo, n. 5, p. 15-32, set. 1995.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** São Paulo : Paz e Terra, 1995.

MARCUSE, Herbert. **Cultura e sociedade.** São Paulo : Paz e Terra, 1997.

_____. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud.** 8. ed. Rio de Janeiro : Guanabara, [s.d].

MEDINA, João Paulo Subirá. **O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo.** 3.ed. Campinas : Papyrus, 1991.

_____. Corpo, sociedade e Educação Física. **Motrivivência.** Sergipe, p. 56-57, Jan. 1990.

MELANI, Ricardo. Educação Física: que símbolo é esse? **Discorpo.** São Paulo, n.2, p. 15-29, mar. 1994.

MELLO, Guiomar Namó de. **Magistério de 1º Grau: da competência técnica ao compromisso político**. 9. ed. São Paulo : Cortez/Autores Associados, 1988.

OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. Existe espaço para o ensino de Educação Física na escola básica? In: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (1997 : Goiânia). **Anais do X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Goiânia : Potência, 1997. p. 94-101.

_____. **O materialismo histórico-dialético frente à evolução do pensamento educacional**. No prelo.

PARANÁ. **Currículo básico para a escola pública**. Curitiba : SEED, 1992

PEDROSO, Jurema Maria. **As concepções de corporeidade no contexto da sociedade capitalista**. Curitiba, 1994. Monografia de graduação - Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo, cultura e identidade**. Palestra proferida na UFPR, Curitiba, 2 set. 1997.

SNYDERS, Georges. **Escola, classe e luta de classe**. São Paulo : Moraes, 1977.

_____. **A alegria na escola**. São Paulo : Manole, 1988.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. Campinas : Autores Associados, 1994.

VAGO, Tarcísio Mauro. Das escrituras à escola pública: a Educação Física nas séries iniciais do 1º grau. **Discorpo**. São Paulo, n. 7, p. 47-64, jul./dez. 1997.

WARDE, Mirian Jorge. **Liberalismo e educação**. São Paulo, 1984. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo : Paz e Terra; 1992.